

“Ganhar a vida” a partir do jornalismo e da cultura

Os arranjos jornalísticos culturais do Nordeste do Brasil

MARIANA REIS

*Grupo de Pesquisa Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom).
Universidade Federal de Pernambuco
paramarianareis@gmail.com*

ISALTINA GOMES

*Grupo de Pesquisa do CNPq Comunicação e Discurso.
Universidade Federal de Pernambuco
isaltina@gmail.com
0000-0003-2256-8564*



este artigo, relatamos as formas de organização e as condições de produção de coletivos de jornalismo cultural no Nordeste do Brasil, mais especificamente, de Pernambuco (PE) e da Bahia (BA), aqui denominados *arranjos jornalísticos*, a partir do binômio comunicação e trabalho. O uso da terminologia *arranjos jornalísticos* neste artigo diz respeito à expressão cunhada por Figaro e Lima (2018), referindo-se a arranjos produtivos locais voltados à produção jornalística, ou seja, agrupamentos que podem se organizar de diferentes formas como garantia de sustentabilidade e expressar diversas práticas laborais, quais sejam, empresas, microempresas, organizações não-governamentais, coletivos culturais, movimentos organizados ou não, associações, e quaisquer outros tipos de grupos locais ou comunitários que, em seu campo de atuação, realizem atividades consideradas jornalísticas e se identifiquem, os próprios profissionais envolvidos nos processos, enquanto jornalistas.

Certamente, ao se avaliar o atual cenário do jornalismo, percebe-se se tratar de uma crise de modelo da tradicional empresa jornalística, ou crise do chamado *modelo de negócio*, mas não só: reflexo do nosso tempo, são indícios de profundas transformações no *mundo do trabalho* (Figaro, 2008) – *mundo do trabalho*, muito mais do que *mercado de trabalho*, por não se referir apenas a mudanças econômicas (flexibilidade de leis trabalhistas, empregabilidade, salários, cargos, fusões

Pour citer cet article, to quote this article,
para citar este artigo

Mariana Reis, Isaltina Gomes, « “Ganhar a vida” a partir do jornalismo e da cultura: os arranjos jornalísticos culturais do Nordeste do Brasil », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online], Vol 13, n°2 - 2024, 15 décembre - december 15 - 15 de dezembro - 15 de diciembre.
URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v13.n2.2024.526>



empresariais), mas, sobretudo, mudanças *relacionais*: exige-se um novo jeito *de ser* e *de se estar* no mundo do trabalho contemporâneo que, certamente, reflete-se não só nas práticas jornalísticas, mas também em sua autonomia, sustentabilidade e nas suas relações.

A oportunidade de serem *donos do próprio negócio* ou de estarem agrupados em empreendimentos comunitários, solidários, em rede – principalmente, o fato de não precisarem, grosso modo, reportar-se a um *patrão* e de ter uma maior disponibilidade de tempo para planejar e executar suas pautas, poderia se refletir na realização de um jornalismo *de melhor qualidade*.

Certamente, para além de uma visão *romantizada* do fenômeno, surgem desafios e conflitos, inerentes a toda relação de comunicação. Vale a pena explicar o uso do termo *jornalismo independente* para denominar tais grupos. Ao nos referirmos aos novos arranjos de trabalho do jornalista, estamos, de fato, tomando como ponto de partida o Mapa da *Agência Pública*, que toma como referência para o mapeamento, além da autodeclaração, os grupos que não estão ligados a conglomerados de mídia, que se organizam de forma coletiva – diferentemente de blogs que, muitas vezes, é fortemente marcado pelo perfil daquele jornalista – e que utilizam as plataformas digitais como principal ferramenta de divulgação dos conteúdos produzidos.

O Centro de Pesquisa Comunicação e Trabalho da Universidade de São Paulo (CPCT – USP), em cuja metodologia parte desta pesquisa se inspira, opta pela definição *independente/alternativo*, embora trabalhe, para fins de classificação e nucleação (organização dos arranjos em subgrupos por afinidade), com as seguintes categorias de análise: independente; alternativo; inovador; empreendedor; coletivo. Além das categorias *independente* e *alternativo* citadas acima, dentre os critérios para a seleção da amostra de São Paulo estavam a autodeclaração (como grupos de jornalismo) e a identificação, por parte dos responsáveis pela coleta de dados, de pelo menos dois marcadores do *fazer* jornalístico (rotinas, pautas, reportagens) identificados a partir da observação de suas plataformas de conteúdo.

Com isso, foi composto um banco de dados que pode servir de orientação para pesquisas derivadas. Importante dizer que o fato de um arranjo se autodeclarar como *jornalístico* não quer dizer que ele necessariamente tenha jornalistas de *formação* (graduados) em suas equipes de trabalho. Tal identificação – e o debate que pode derivar desses achados – é feita na etapa de entrevistas com os arranjos.

Denominam-se *arranjos* especialmente porque indicam novas formas de organização do trabalho e de sustentabilidade, para além dos chamados “modelos

de negócio” e das rotinas produtivas, como apontam os resultados parciais da pesquisa desenvolvida na Grande São Paulo: são desde contratados, assalariados e com carteira assinada em pequenas empresas; ora terceirizados como autônomos; às vezes são cooperados, alguns são incubados em projetos universitários, são financiados por editais públicos, fundações privadas ou financiamento colaborativo, são autofinanciados/voluntários.

Reconfigura-se, assim, até mesmo a tradicional estrutura da redação jornalística: alguns trabalham em *home office*, outros, em espaço de *co-working*, outros contam com sede própria ou utilizam salas cedidas por outros parceiros... Ou seja, são novas formas de organização produtiva, por isso, a pesquisa matriz opta pelo termo *arranjos*, ou melhor, *arranjos econômicos alternativos*, tomado emprestado dos estudos da economia e dos *Arranjos Produtivos Locais* (APLs), com o qual compactuamos e utilizamos para os fins desta pesquisa.

Em nosso caso, a escolha pela abordagem de estudo multicase (Yin, 1994) das experiências localizadas em Pernambuco e na Bahia se deve pelo fato de aproximações territoriais e afinidades socioeconômicas e culturais entre ambos os estados. Nesse sentido, para ser considerado um arranjo produtivo local jornalístico, aqui simplesmente denominados arranjos jornalísticos, é preciso ainda que tais agrupamentos desenvolvam atividades voltadas para seus próprios municípios, estados, regiões ou territórios de atuação, visando o desenvolvimento local de tais localidades e, ainda, não estejam diretamente ligados a conglomerados midiáticos de empresas de mídia tradicional, ainda de acordo com autores como Figueira (2013; 2017; 2018) e Lima (2015).

Nossa abordagem teórico-metodológica tem como ponto de partida o binômio comunicação e trabalho, os estudos do jornalismo e os estudos culturais, para melhor entender as condições de produção do fazer jornalístico em si e as relações de comunicação, ou mediações, empreendidas pelo jornalista em seu meio social. Trata-se de uma pesquisa social, qualitativa, de cunho exploratório (Gil, 2002), pois avaliamos ser este o melhor método para se analisar um fenômeno em constante processo de mutação e de movimento: a organização desses novos arranjos de trabalho.

A pesquisa exploratória, então, permite percorrer o território, buscando informações que auxiliem na melhor percepção do quadro apresentado, e é desafiadora nesse sentido justamente porque todos os elementos encontrados podem ser relevantes para a continuidade da investigação. Assim, interessa-nos aqui a empiria, que vai nos apontar as pistas de quais caminhos seguir. Nesse sentido, a coleta de dados indica o caminho

para a composição do objeto (sujeitos) de estudo e da amostra empírica.

Sob este prisma, “essa metodologia de pesquisa se mostra adequada porque os proponentes desse estudo não têm como formular de antemão as características predominantes desses *arranjos econômicos alternativos*, além de repetir o que eles próprios afirmam, isto é, não se organizam como as grandes empresas de mídia” (Figaro, 2018).

Com isso, “realiza-se um diagnóstico do cenário em que estão os *novos arranjos* do trabalho do jornalista, como se estruturam e se organizam, para o posterior aprofundamento da investigação conforme os objetivos enunciados” (Figaro, 2018).

A metodologia para realização da pesquisa de tese de doutoramento da primeira autora, da qual deriva este artigo, utiliza, ainda, pesquisa bibliográfica, a partir da leitura do referencial teórico e levantamento do estado da arte de livros, teses e dissertações sobre jornalismo/mídia independente; referências nas teorias da comunicação, teorias do jornalismo, sociologia do trabalho e leituras sobre políticas públicas de comunicação e cultura. Além disso, junto aos arranjos escolhidos, fizemos uso de técnicas etnográficas como observação participante e entrevistas em profundidade, semiestruturadas, entendendo estas últimas como essenciais para se captar a subjetividade dos sujeitos na pesquisa qualitativa (Minayo, 1996).

O ponto de partida para a escolha dos sujeitos de pesquisa, iniciada em 2016 e defendida em tese em 2021, foi a identificação dos arranjos jornalísticos do Nordeste. Para isso, retomamos o banco de dados da pesquisa matriz do CPCT de 2017, elaborado a partir da combinação entre pesquisa exploratória e a técnica da *bola de neve (snowball)*, para compor uma amostra, um quadro inicial de estudos. O CPCT adaptou tal técnica – utilizada quando não é possível extrair uma amostra estatística de determinada população – para ser aplicada a pesquisas qualitativas e não-probabilísticas. Na ocasião, tivemos acesso ao banco de dados e ao convívio e troca de experiências junto aos pesquisadores do CPCT partir de estágio de pesquisa desenvolvido na Universidade de São Paulo (USP) ainda em 2017.

Após mapeamento e questionários iniciais com os arranjos previamente selecionados, delimitou-se o escopo de seis agrupamentos para visitas *in loco* e abordagem de entrevistas em profundidade como técnicas combinadas de metodologia para o estudo. O objetivo inicial era analisar agrupamentos de mídias culturais digitais já surgidas a partir da web 2.0, sem vínculos com conglomerados midiáticos e que tivessem ao menos cinco anos de atividades, de modo a abarcar o quesito de longevidade de atuação na Internet, a partir do

estado da arte de outras pesquisas recentes ligadas a jornalismo digital (Almeida, 2006; Alonso, 2011). Para isso, além das dissertações e teses defendidas de 2015 para cá nesta temática, um importante estudo que nos serviu de base na revisão bibliográfica mais recente, na ocasião da escrita deste artigo foi, sem dúvida, a publicação *Arranjos Jornalísticos Alternativos e Independentes no Brasil: organização, sustentação e rotinas produtivas*, uma coletânea de artigos derivados de pesquisas que demonstram que o fenômeno dos arranjos jornalísticos têm avançado em todas as regiões do País, de norte a sul, considerando-se, obviamente, as nuances e singularidades locais (Figaro & Nonato, 2021).

Ainda no quesito metodológico, vale salientar que, nos questionários prévios, era preciso que os mesmos se autodeclarassem como agrupamentos *jornalísticos culturais*, mesmo que não necessariamente fossem projetos ou iniciativas lideradas por jornalistas profissionais. Com a atenção a esses critérios acima mencionados, a pesquisa ficou delimitada aos seguintes *arranjos jornalísticos*: as revistas culturais eletrônicas *Gambiarra* (BA), *Outros Críticos* (PE) e *O Grito!* (PE) e os portais de notícias culturais *Sotero Preta* (BA), *Correio Nagô* (BA) e *iTeia* (PE e BA).

A opção pela análise dos arranjos jornalísticos dos Estados de Pernambuco e da Bahia, ambos na região Nordeste do Brasil, deveu-se ao fato de a região ter uma expressiva produção cultural, além de contar com considerável número de faculdades e cursos de comunicação, inclusive com a interiorização recente dos cursos de graduação, nas últimas duas décadas, gerando novos postos de trabalho para jornalistas para além das capitais e dos grandes centros urbanos (Mick & Lima, 2013).

Importante destacar que, entre os arranjos analisados, cinco estão geograficamente localizados e abrangem como área de atuação jornalística as capitais Recife (PE) e Salvador (BA), sendo que o Portal iTeia atua de forma descentralizada em ambos os estados e a Revista Gambiarra é a única localizada no interior, em Vitória da Conquista, região sudoeste do Estado da Bahia onde, vale ressaltar, há universidade pública com cursos de Comunicação Social – sendo a graduação em Jornalismo uma das pioneiras da região. Já as capitais contam com cursos de nível superior em Jornalismo e também em Produção Cultural, embora a graduação acadêmica em jornalismo não seja um definidor para o reconhecimento desses trabalhadores como jornalista cultural, como desdobraremos a seguir.

GANHAR A VIDA A PARTIR DO JORNALISMO

Ganhar a vida é uma expressão muito utilizada no Brasil como sinônimo para trabalho. Optamos por essa

terminologia por crer que sintetiza bem a forma como os seis jornalistas entrevistados percebem sua relação com as atividades laborais que realizam. *Ganhar a vida* através do jornalismo é o que todos os entrevistados fazem. No entanto, todos têm outras fontes de renda: o trabalho no arranjo não é a principal fonte de renda em nenhum dos casos estudados.

Essas outras fontes de renda são como docentes no Ensino Superior, como professores da iniciativa pública ou privada; *freelancers* em assessoria de imprensa para grupos culturais ou outros empregadores, inclusive sindicatos; empregos públicos em órgãos governamentais; produtores culturais, DJs.

O arranjo não é, em nenhum dos casos, a primeira ou principal fonte de renda — mas um espaço de conciliação entre geração de renda, ativismo e, principalmente, fazer o que gostam e no que acreditam. É o que nos diz o relato de Rafael Flores, da *Revista Gambiarra*:

A Gambiarra começou *nessa pegada*, a gente via uma possibilidade de ter uma sustentabilidade, para o projeto e para a gente mesmo. A gente estava saindo da universidade, meio sem saber o que fazer, porque na realidade local, o mercado de comunicação não é muito favorável e isso vai precarizando ainda mais. Só que, atualmente, a gente até enquadrou a Gambiarra como um veículo sem fins lucrativos. Para manter o site no ar, a gente já tirou dinheiro do bolso graças a outros trabalhos que a gente faz aqui na cidade. (Rafael Flores, *Revista Gambiarra*, 25 de janeiro de 2019, depoimento oral)

Apenas um dos jornalistas declarou ser sindicalizado e, além disso, ter uma relação mais formal com este — exerce cargo sindical. O contato com movimentos sociais acontece em todos os casos — seja movimento estudantil, movimento negro, movimento sindical, movimento LGBTQIA+, movimento pela democratização da comunicação ou, ainda, movimento em defesa da cultura e pelo *software livre*. É como verificamos no depoimento a seguir, de André Santana, do *Portal Correio Nagô*:

O primeiro movimento que eu fui fazer parte foi o Mídia Étnica. A gente estava dialogando com os estudantes, com a Executiva Nacional de Comunicação Social (Enecos) e com mídia livre. Mas eu não fazia parte. A gente ia fazer atividades. (...) Depois eu passei a participar do movimento negro, atuei em mandatos parlamentares, mas nunca me filiei oficialmente a nenhum partido. Eu sou do Sindicato dos Jornalistas Profissionais da Bahia (Sinjorba), cheguei a ser diretor dessa pauta de Gênero e Raça,

durante um tempo. Mas a gente nunca teve o Mídia Étnica vinculado a nenhuma entidade nacional, coletivos e tal, e nem a partido político (André Santana, *Portal Correio Nagô*, 11 de janeiro de 2019, depoimento oral)

O mesmo pode ser extraído da fala de Pedro Jatobá, do *Portal ITEia*, quando se declara ativista pela cultura e pelo *software livre*:

Participo do movimento Música Para Baixar, da Rede de Produtoras Culturais Colaborativas, participo da Rede de Pontos de Cultura no Brasil, participo do Movimento de Economia Solidária, das Rádios Comunitárias Brasileiras, não da Associação, não sou da Abraço, mas participo do movimento de organizações. Do Movimento de Software Livre, principalmente, sou muito ativo. Lá em Porto Alegre, desde a época em que eu morei lá, da Associação Software Livre, do Fórum Internacional de Software Livre, que acontece todo ano em Porto Alegre (Pedro Jatobá, *Portal ITEia*, 20 de janeiro de 2019, depoimento oral).

A PRÁXIS JORNALÍSTICA NOS ARRANJOS DE JORNALISMO CULTURAL

Outro ponto de destaque da pesquisa é que todos se declararam jornalistas, mesmo os que não têm formação superior em Jornalismo. E também todos se declararam trabalhadores. Assim, talvez o campo jornalístico possa ser entendido aqui também como campo de trabalho (Bourdieu, 2005), atentos aos limites éticos que muitas vezes essas relações podem apresentar.

É o que revela o depoimento de Pedro Jatobá, do *Portal ITEia*, que não é formado em Jornalismo, mas se considera jornalista e trabalhador, não só no jornalismo, mas também atuando em profissões correlatas ligadas à comunicação, tecnologia e artes em geral:

Eu me considero um trabalhador. Eu atuo no jornalismo desde 2003. Antes disso, eu tive sites pessoais. Tive um site de humor que a gente publicava conteúdos, mas não é uma coisa que eu registro como jornalismo, era muito uma brincadeira. A partir de 2003, eu atuo dentro de um site de cultura muito importante de Pernambuco, dentro do *Jornal do Commercio*. Sou cooperado, pago o INSS, dentro da minha cooperativa recebo por horas de trabalho. No Instituto Intercidadania sou trabalhador voluntário, muitas vezes, mas não deixo de realizar trabalho. Muitas vezes eu não estou recebendo nada e estou trabalhando. Como músico, me

considero, cada vez mais, como DJ, produtor cultural, um *trabalhador* porque ultimamente eu tenho tocado no Digitália, em Salvador, no Pelourinho, toquei no Carnaval de Mucugê ganhado cachê. *Se eu estou ganhando cachê eu estou sendo exigido como trabalhador. Então me vejo como um trabalhador em todos esses prismas* (Pedro Jatobá, *Portal ITEia*, 20 de janeiro de 2019, grifos nossos, depoimento oral).

Caso parecido é o de Carlos Gomes, que não tem formação em Jornalismo, mas a partir do blog, e depois site, voltado para entrevistas e crítica literária, buscou o mestrado em Comunicação como uma forma de interface maior com essa área, com a qual já se afinava:

Eu fiz toda a formação em Letras, habilitação português e inglês. Só que eu foquei em literatura e, assim que eu me formei, fui trabalhar como revisor na Secretaria de Direitos Humanos daqui do Recife. Na verdade, era numa agência que prestava serviço para a Secretaria. Fiquei quase dois anos lá trabalhando e, em paralelo, envolvido com o Outros Críticos... ligado muito à crítica, jornalismo, eu me interessei muito pela área de comunicação e algumas pessoas da área de comunicação começaram a também colaborar com o Outros Críticos. Eu tinha um projeto sobre tropicalismo e *manguebeat*, que achava que cabia no curso de Comunicação e aí fiz o mestrado todo em Comunicação (Carlos Gomes, *Revista Outros Críticos*, 13 de abril de 2019, grifos nossos, depoimento oral).

É interessante perceber nesses depoimentos que, mesmo quando os entrevistados fazem uma crítica aberta aos modelos de negócio e modos de produção do jornalismo tradicional, muitas vezes, reportam-se a estes para respaldar suas trajetórias e referendar suas experiências.

Ainda no sentido desta comparação, foram apontadas, nestes discursos, as diferenças entre jornalismo independente e jornalismo tradicional. Para Jamile Menezes, do *Portal SoteroPreta*, a inovação no conteúdo é um dos principais marcadores desta diferenciação:

A diferença do jornalismo tradicional é que o conteúdo é diferente. É único, é especializado, é o único portal hoje especializado em cultura negra, onde você só vai ter registros em memória e divulgação de cultura negra na cidade. Então, a grande diferença seria essa. E também o olhar, a gente é jornalista, a gente é preta, a gente tem um olhar sobre a nossa cultura que é completamente diferente da mídia tradicional, digamos assim. *Faz tempo que a mídia tradicional não é*

feita por nós. Então, como não é feita por nós, não é vista como nós vemos (Jamilé Menezes, *Portal SoteroPreta*, 17 de abril de 2019, grifos nossos, depoimento oral).

Já André Santana, do *Portal Correio Nagô*, é assertivo ao afirmar a proposta do seu arranjo como em contraposição ao que é feito na mídia tradicional:

A gente não entra nesse discurso da mídia tradicional dessa pseudo imparcialidade, a gente não acredita nisso porque a gente sabe que todos os veículos têm lado, só não declaram, só não têm coragem de afirmar. A gente não, a gente está do lado realmente da comunidade negra, que sabe que historicamente esteve à margem, foi discriminada, foi afastada dos seus direitos. E o que há de melhor acima dessas duas coisas que eu falei é o espaço de formação. Isso a gente não abre mão. Então, *Correio Nagô* é um espaço de formação. Todo mundo que entra aqui, entra com esse intuito. A gente tem uma produção a cumprir, a gente produzir conteúdo, tem que submeter texto, tem que fazer conteúdos audiovisuais, mas a gente tem que estar se formando o tempo todo. Essa casa funciona com muitas atividades, muitos eventos para isso, para formar as pessoas que estão aqui dentro. Isso, para a gente, é fundamental (André Santana, *Portal Correio Nagô*, 11 de janeiro de 2019, depoimento oral).

Por outro lado, Rafael Flores, da *Revista Gambiarra*, embora declare fazer jornalismo independente, percebe a mídia independente não como *alternativa* à mídia tradicional, mas como mais uma categoria do jornalismo, que se soma ao que já vem sendo realizado, substituindo lacunas e contribuindo para a pluralidade de vozes, especialmente em cidades do interior:

A gente meio que tentou fazer algum movimento para a gente ir educando a cidade, nesse sentido, da importância do jornalismo, da importância de se investir no jornalismo, como é uma cidade muito forte no comércio, muito forte na parte da construção, educação também, é um polo de educação. As nossas pautas são muito voltadas para a questão social, ativista e tudo o mais. Além de tudo isso, essas pautas que a gente traz na Gambiarra não são pautas que estão presentes nesses veículos tradicionais locais. E aí a gente consegue dar visibilidade (Rafael Flores, *Revista Gambiarra*, 25 de janeiro de 2019, depoimento oral).

Também aponta como principal diferenciação nessa *práxis a proximidade* com as temáticas, uma vez que, a seu ver, os jornalistas independentes já atuam nesse

campo de ação em defesa dos direitos humanos e nos movimentos sociais. Além disso, também observa que a mídia tradicional, nos últimos anos, também se inspira na práxis jornalística das mídias independentes:

Acho que o principal ponto de diferença com a mídia tradicional é a quebra com a parcialidade, com o mito da parcialidade. Eu acho que isso é o principal. Mesmo com a mídia tradicional absorvendo muita coisa da mídia independente nos últimos tempos, as narrativas, são uma coisa que eles não quebram, são imparciais, aquilo ali é a grande verdade. A gente sempre faz questão de dizer para todos espaços que a gente está na cidade ou com outros colegas, que a nossa intenção em chegar não foi substituir ninguém, não foi substituir o blogueiro das notícias¹, foi complementar com a notícia.

Por isso que a gente é diferente, porque a gente chegou para completar, não para substituir, o que ele está fazendo. A gente veio para dizer que existem outros olhares, existem outros olhares sobre as coisas, isso é uma coisa que o jornalismo tradicional ainda peca muito. Acho que isso ainda não foi revertido nesse olhar. E eu acho que também esse contato direto com as fontes, não é um contato, é uma vivência. O contato que a gente tem com as fontes não é o contato de eu ter o telefone da fonte e ligar para ela. É um contato de estar nos mesmos espaços, de estar nos grupos de discussão, de estar nas mesas de discussão, de estar no ambiente em que a gente se encontra, que essas coisas são discutidas. (Rafael Flores, Revista Gambiarra, 25 de janeiro de 2019, grifos nossos, depoimento oral).

Já Paulo Floro, da *Revista o Grito!*, aponta a passagem profissional sua e de seus colegas de equipe nos cadernos culturais de veículos tradicionais como um conjunto de conhecimentos necessários para o trabalho que realizam hoje. Além disso, o próprio acúmulo com a experiência docente em cursos de Jornalismo parece ser um diferencial na realização deste trabalho:

Os três editores, todos trabalhamos em veículos tradicionais, *JC, Diário, Folha*². Os três são professores também, um deles já foi coordenador do curso de Jornalismo, tem uma longa experiência, pós-doutorado. Então, a gente tem esse *background* muito grande desse jornalismo tradicional (Paulo Floro, *Revista o Grito!*, 31 de março de 2019, depoimento oral).

Ao mesmo tempo, ele aponta aproximações e distanciamentos entre o jornalismo que é produzido na mídia independente e na mídia tradicional:

*Eu acredito que o jornalismo independente traz uma experiência muito grande de um jornalismo mais tradicional, porém se permite uma maior desconstrução. Eu identifico muitas coisas que a gente [*Revista O Grito!*] faz muito ligadas ao jornalismo tradicional, o que é bom também. Por exemplo, a gente tem um rigor muito forte em relação à apuração, ao estilo, a gente tem um manual muito pré-determinado de como se organizam nossas reportagens, nossos materiais têm uma padronização muito forte. Mas, por outro lado, a gente é muito mais livre em relação às pautas, eu acredito, que você não encontraria isso no jornalismo tradicional.*

*A gente se permite mais ousar na linguagem, trabalhar a linguagem numa maneira mais um pouco diferente. Mas eu acredito também que o jornalismo tradicional vem se reinventando um pouco. E a gente vê jornais tradicionais com muita inovação, muita experimentação. Eu acho que a internet veio para quebrar todas as estruturas de tudo, do que chama de jornalismo pós-industrial, que é essa necessidade de uma reinvenção. (Paulo Floro, *Revista o Grito!*, 31 de março de 2019, grifos nossos, depoimento oral).*

Outra questão levantada pelo entrevistado são as inovações e experimentações trazidas por ambos os tipos de mídia, ao mesmo tempo em que observa que o jornalismo tradicional, embora conte, muitas vezes, com aparato tecnológico suficiente, tem dificuldades na mudança de práticas e hierarquias:

Eu acho que o jornal local não conseguiu avançar nessa necessidade de invenção que a internet trouxe. Eu trabalhei durante muito tempo no jornal local, a gente ficava lá louco tentando entender como fazer jornalismo dentro desse novo momento. Por outro lado, a gente era muito preso a uma rotina de trabalho muito ligada ao jornal tradicional. *A aposta era muito mais tecnológica, quando na verdade a necessidade era de uma mudança de rotinas produtivas, de modo de produção.* Então, o jornal daqui investiu muito tempo em novas tecnologias, em especiais superelaborados e bonitos.

Mas, na prática, era o tipo de jornalismo muito ligado ao que já fazia no papel. O próprio jornal tinha essa hierarquia, você não podia criar algo que furasse o jornal impresso. Era um produto ainda muito privilegiado. *E foram surgindo outras vozes, outros sites, outros espaços que começaram a tomar lugar desse jornal mais tradicional* (Paulo Floro, *Revista o Grito!*, 31 de março de 2019, grifos nossos, depoimento oral).

Carlos Gomes, da *Outros Críticos*, também concorda com Paulo Floro, percebendo as contradições da relação do próprio arranjo com a mídia tradicional, quando diz:

A gente não tem esse preconceito de fazer uma separação “não, o que a gente faz é experimental, é de vanguarda e o que jornalista na redação faz é uma coisa ultrapassada”. Não... Há coisas do jornalismo tradicional que a gente é muito crítico, mas há também pequenas invenções dentro do jornalismo tradicional. Por exemplo, Fabiana Moraes³, os cadernos que ela fazia dentro do *Jornal do Commercio*.

*Dentro dos jornais a gente percebia pequenas coisas de invenção. Essas coisas atraíam a gente. A gente conseguia puxar algo, deslocar algumas coisas de lá para o trabalho da gente. E eu também sentia uma reverberação dentro dos jornais – críticos de música, principalmente –, de gostar do trabalho que a gente fazia. A gente tem uma crítica muito grande ao jornal tradicional, que é dessa coisa do agendamento, de ficarem muito preso à agenda e que, muitas vezes, a gente próprio se utiliza (Carlos Gomes, *Revista Outros Críticos*, 13 de abril de 2019, grifos nossos, depoimento oral).*

ATUAÇÃO POLÍTICA DOS ARRANJOS EM CONSONÂNCIA COM OS MOVIMENTOS SOCIAIS

Sobre as condições de surgimento do arranjo, muitas vezes, a dificuldade enfrentada no mercado de trabalho formal ou a relação com movimentos estudantis desde a universidade provocaram a ideia de constituir o arranjo. De toda forma, este surge como projeto possível de gestar o jornalismo que eles, de fato, querem realizar, a partir de seus valores e princípios éticos. Como revela Paulo Floro, da *Revista O Grito!*:

Eu sempre gostei do jornalismo, em si. Era uma coisa que eu me apaixonei ainda como adolescente e sempre quis trabalhar e criar um próprio veículo. Admirava muitos sites gringos que eu lia, que falavam de bandas que eu gostava, o modo que eles falavam de música de uma maneira muito crítica e também de quadrinhos. Dessa necessidade de ler sobre coisas que eu não encontrava nos outros sites, eu decidi fundar um blog, ainda como estudante, junto a dois colegas. Um estudava comigo, que era Fernando Albuquerque, na Católica, e o outro era um cara de *webdesigner*” (Paulo Floro, *Revista O Grito!* 31 de março de 2019, depoimento oral).

Outra colocação neste sentido podemos perceber no discurso de Rafael Flores, da *Revista Gambiarra*:

A nossa política editorial foi bem clara no próprio subtítulo, *Revista Gambiarra - Jornalismo, Cultura e Ativismo*. Tudo o que a gente se interessa por cobrir vai nesse perfil. O jornalismo, nessa questão da profundidade, da preocupação com a reportagem, uma coisa que está meio abandonado, mas *faz parte do DNA da Gambiarra*. A reportagem, desde o início, de trazer essa profundidade para as informações locais, que é uma coisa que a gente sentia muita falta. A cultura, porque a gente já traz essa bagagem da produção cultural e estar dentro desse processo da cultura independente de Vitória da Conquista e o ativismo, também, para a gente ter essa relação. Então, nossas pautas sempre são voltadas para esses eixos. Sempre pensando questões das pautas que chegam até a gente (Rafael Flores, *Revista Gambiarra*, 25 de janeiro de 2019, grifos nossos, depoimento oral).

A defesa da mídia livre e a apresentação das contradições na presença das chamadas mídias *livres/independentes* em redes e plataformas de softwares proprietários é exposta na fala de Pedro Jatobá, do *Portal ITEia*:

*O que fazemos é mídia independente. E existe mídia livre em plataformas proprietárias? Essa é uma outra pergunta que eu deixo para vocês até questionarem. Eu vejo um monte de coletivos que se afirmam mídia livre e que tão colocando um monte de conteúdos para multinacionais nessa lógica, que a gente está discutindo aqui. Estão cedendo toda a militância, os rostos de todo, os reconhecimentos faciais de Facebook. Usando plataformas que na verdade geram uma grande base de dados contra nós e que nós já cedemos os direitos autorais da nossa imagem, nossa cara no vídeo que está ali, tudo (Pedro Jatobá, *Portal ITEia*, 20 de janeiro de 2019, grifos nossos, depoimento oral).*

As relações dos arranjos com os movimentos sociais – previamente existentes, ou organizadas a partir da própria constituição dos arranjos – podem ser percebidas, de uma forma ou de outra, nos arranjos estudados. É o que se percebe na fala do entrevistado André Santana, do *Portal Correio Nagô*, ao correlacionar a militância do movimento negro à militância na pauta da democratização da comunicação:

A gente queria ter essas duas frentes de luta. Dentro do movimento de democratização da comunicação, a gente queria colocar a pauta racial como prioritária. Não pense que é fá-

cil. Foi muito difícil. Por isso que foi criado o Instituto Mídia Étnica. E como a gente achava que a gente não podia somente ficar fazendo frente à mídia tradicional, criticar, apontar as violações na mídia, a gente também tinha que ter a nossa própria mídia. Como o movimento negro já tinha criado mídias, como o *jornal do MNU*, o *jornal Ìrohìn*, a gente também tinha que ter o nosso veículo de comunicação. Então, em 2008, a gente criou o *Correio Nagô*, que é um portal de notícia voltado para pautar essas questões negras, questões raciais. É um veículo da mídia independente, um veículo jornalístico, a gente produz conteúdo jornalístico, de audiovisual há dez anos (André Santana, *Portal Correio Nagô*, 11 de janeiro de 2019, grifos nossos, depoimento oral).

Paulo Floro, da *Revista O Grito!*, também apresenta as intersecções entre as pautas culturais e os movimentos sociais na cobertura jornalística de seu arranjo:

A gente cobre todo o espectro da arte. Mas nosso foco principal é música e quadrinhos. Mas a gente trata de tudo, de teatro, de cinema, tudo cai na nossa rede. Volta e meia a gente também faz um pouco... não é que foge, mas, de fato a gente trabalha, por exemplo, questões de política pura e simplesmente. Por exemplo, marcha das mulheres. Teoricamente não é ligada à arte, mas a gente uma cultura social. É importante, então, a gente trabalha. Se a gente encontra algum link com cultura, a gente dá um destaque, trabalha dentro do espectro da arte. Volta e meia a gente também está trabalhando outros aspectos. Algo que não necessariamente seja um produto lançado, uma banda nova (Paulo Floro, *Revista O Grito!*, 31 de março de 2019, depoimento oral).

SUBSISTÊNCIA E SUSTENTABILIDADE DOS ARRANJOS DE JORNALISMO CULTURAL

Dentre as novas funções desempenhadas pelos jornalistas estão, em especial nestes arranjos estudados, o papel de produtor cultural – escrevendo e gerindo projetos, produzindo livros, lançamentos, eventos e festivais. Também observamos o acesso a políticas públicas como fomento, e outras formas de sustentabilidade, inclusive a atuação dos arranjos na linha tênue entre jornalismo e produção cultural.

É o que podemos perceber dos depoimentos de Carlos Gomes, da *Revista Outros Críticos*, transcritos abaixo, que revelam a opção por adotar o acesso a editais e projetos para ter mais condições de produzir um

trabalho com criatividade e tempo de qualidade, em vez de se limitar a modelos de negócio pré-definidos:

*Outros Críticos não é um empreendimento no sentido de acordar todo dia de manhã e trabalhar e ter uma remuneração. A remuneração é muito difusa. A gente até pensou “será que dá para a gente fazer uma coisa mais caprichada para o Outros Críticos, transformar num empreendimento mesmo, jornalístico, e tentar uma startup ou alguma coisa desse tipo?”. Mas acabou que a gente nunca fez, a gente acabou apostando em outras coisas. Como tem muita coisa da literatura, da música... Por exemplo, esse ano, eu vou lançar um livro de poesia, ele está se transformando num disco também. Eu estou focando mais nisso agora. É menos economia criativa e mais essa ideia de inovação na linguagem. A gente trabalha muito inovando na linguagem. Se um jornalista pegar a publicação da gente e for ler de fato, for ver a relação que uma revista tem com uma outra, que um tema tem com o outro, ele vai ver uma série de pequenas invenções no campo da linguagem jornalística (Carlos Gomes, *Revista Outros Críticos*, 13 de abril de 2019, grifos nossos, depoimento oral).*

Ao mesmo tempo, Carlos Gomes tem clareza de que movimenta a cadeia da economia criativa a partir desse trabalho:

*Aprovamos site, festival, livro. Então, uma coisa que a gente movimenta é relacionada à economia... é de ter muita gente trabalhando, sete projetos... projetos de R\$ 30 mil a projetos de R\$ 100 mil. Então, é uma grana, um investimento grande, para muita gente. É uma característica da gente que a gente sempre trabalha com muita gente, cada projeto a gente vai apertando o orçamento porque a gente gosta... como eu gosto de trabalhar com muitas linguagens, acaba que sempre tem gente participando dos projetos (Carlos Gomes, *Revista Outros Críticos*, 13 de abril de 2019, depoimento oral).*

O mesmo pode ser percebido no depoimento de Rafael Flores, da *Revista Gambiarra*:

A gente sempre foi ligado à cultura e a gente é produtor cultural. Nessa época, nós fizemos o edital para o Festival Suíça Bahiana, de 2011 e, posteriormente, para o Festival da Juventude – dois festivais. Que era um festival que tinha, além da programação musical – cultural, dança, vários eixos –, tinha também a parte de formação, os debates, as rodas de conversa, sempre com temas que estavam sendo debatidos naquele período. Uma das palestras de abertura foi com

Ariano Suassuna (Rafael Flores, *Revista Gambiarra*, 25 de janeiro de 2019, grifos nossos, depoimento oral).

Sobre as principais fontes de acesso a recursos, o depoimento de André Santana, do *Portal Correio Nagô*, revela-nos os fundos internacionais como maior fonte de sustentação, como podemos aferir a seguir:

A gente recebe muito financiamento internacional, então as exigências são muitas. Então tem que estar tudo certinho com a documentação, pois são recursos internacionais de fundações privadas internacionais: Fundação Kellogg, Fundação Coca-Cola, Ford Foundation, Brazil Foundation. A gente apresenta os projetos... eles abrem os calendários de editais, a gente apresenta as propostas, eles se interessam e a gente tem feito dessa forma. A gente só teve dois recursos públicos que acessou ao longo dos nossos 14 anos. Um foi um recurso pequeno, para mídias digitais, da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia. Foi um edital que acho que existiu só uma vez. Mas a gente sempre evitou recursos públicos. Tanto pelos vínculos, porque a gente não queria muito se vincular às gestões, depois porque a gente sabia que eram muitas exigências, muito difícil para pouco dinheiro. (André Santana, *Portal Correio Nagô*, 11 de janeiro de 2019, depoimento oral).

Concomitantemente, o depoimento dele expõe as contradições dentre a manutenção de uma *práxis* jornalística de qualidade e a sustentação do veículo:

Hoje, o grande desafio nosso é a sustentabilidade, é a gente pensar o *Correio Nagô* como um veículo sustentável. O *Correio Nagô* foi criado pelo Mídia Étnica e foi mantido pelo Mídia Étnica nesses anos todos. Quando a gente pensou que deveria ter uma estratégia independente do *Correio Nagô* de sustentabilidade, ou seja, que o recurso viesse do próprio *Correio Nagô*, através da produção, do conteúdo, a gente se deparou com essa grande crise da comunicação, dos veículos comerciais todos.

Então, hoje há uma grande dúvida de toda a mídia – seja impressa, digital – como se sustentar, como se manter. A questão das assinaturas super questionada, as pessoas cada vez pagando menos por informação. As pessoas não estão comprando mais jornal, não querem comprar revista, os sites pensando como se tornar sustentáveis a partir da publicidade digital. Esse é o desafio que a gente tem. Quando a gente pensou “opa, o *Correio Nagô* tem que se manter, tem que se bancar, tem uma história, tem um conteúdo relevante, tem um público. Como é que a gente faz

para se manter?”. Foi então que a gente se deparou com essa crise, que é uma crise geral da imprensa. Então esse é o grande desafio que a gente tem para o futuro (André Santana, *Portal Correio Nagô*, 17 de abril de 2019, depoimento oral).

Jamile Menezes, do *Portal Soteropreta*, também relata os desafios de sustentabilidade do arranjo em questão, especialmente, por questões éticas relacionadas à dupla jornada por ela exercida, em cargo público e na mídia independente:

Eu tenho buscado editais para o portal. Só que infelizmente a minha área é cultura e eu estou dentro de uma Secretaria de Cultura, então eu não posso participar. A gente tem alguns bloqueios administrativos, políticos e burocráticos que impedem. Mas eu tenho buscado editais internacionais, editais nacionais que tenham apoio a ferramentas de comunicação, ferramentas digitais. No momento, só publicidade que entra. Mas tenho buscado e é uma das prioridades (Jamile Menezes, *Portal Soteropreta*, 17 de abril de 2019, depoimento oral).

Ela também afirma ter buscado captação de recursos junto a outros empreendedores, para anunciar no portal, num processo de fortalecimento entre outros empreendimentos voltados para questões étnico-raciais:

É uma forma de a gente se fortalecer, a gente vive falando de fazer dinheiro circular na comunidade negra, mas a gente não aposta nas nossas próprias criações. Então, o empreendedor negro fazer um anúncio num portal feito por uma mulher negra, isso é o *black money*... isso é fazer o dinheiro girar. Então, venho trazendo essa ideia de alguns empreendedores, só que isso anda a passos lentos ainda, porque teria que ter um braço de publicidade no portal, além do jornalismo. Um braço de publicidade, um braço de marketing, para vender o portal, um braço de relações públicas, mas ainda é somente eu. São três anos na luta (Jamile Menezes, *Portal Soteropreta*, 17 de abril de 2019, depoimento oral).

Aos arranjos que fazem jornalismo cultural, a competência em produção cultural aparece como necessário para a atividade produtiva, mais uma vez, no caso da *Revista O Grito!*, as formas de estruturação e sustentação passam pela dimensão da produção cultural.

Além de projetos, anúncios publicitários também geram recursos, porém, em menor escala:

A gente tem como proposta de sustentabilidade diversificar o espectro de captação. A gente

decidiu não ficar só num lugar nem noutra, a gente decidiu abrir o leque. Porém, a gente vê que alguns são muito difíceis de conseguir. Por exemplo, anúncio. Vou dizer que a gente não consegue anúncio? Mentira, consegue, porém é difícil você competir com grandes veículos. Inclusive, nem os grandes veículos conseguem mais, porque o bolo da publicidade está indo para o *Google*, *Facebook* e essas outras redes sociais. O que a gente consegue? A gente consegue anúncio quando ele se comunica muito com o nosso público, quando é alguém que quer se comunicar com o nicho.

A outra área que a gente atua é fazendo projetos. Esses projetos são tanto para empresas quanto para editais públicos. Nesses projetos, a gente atua em duas frentes: uma frente a gente atua no sentido de fortalecimento da marca e a outra na captação de recursos. O bom desses projetos é que eles, diferentemente de um anúncio, têm uma duração maior, até financeiramente é mais interessante que um simples anúncio. Porém dá mais trabalho, de prestação de contas, do próprio trabalho mesmo (Paulo Floro, *Revista O Grito!*, 31 de março de 2019, depoimento oral).

A experiência do *Portal SoteroPreta* também se diversifica a partir da produção cultural, inclusive na segmentação de públicos, com recorte étnico-racial e LGBTQIA+, como nos conta Jamile Menezes:

Fazemos jornalismo cultural mesmo. E produção cultural. A gente tem alguns projetos. A gente realizou duas edições de uma festa Les-Pretas, que é uma festa voltada ao público LGBTQIA+, mais para as mulheres negras, que é uma festa só de mulheres cantoras e uma banda formada por mulheres também, todas lésbicas, mas não é uma festa necessariamente *gay*, LGBTQIA+. A gente não escancara isso, mas na prática ela é. E o público é mulheres negras lésbicas e bissexuais. A gente já fez duas edições dessa festa, a gente pretende fazer outras edições. Mas precisa de investimento, precisa de gente (Jamilé Menezes, *Portal SoteroPreta*, 17 de abril de 2019, depoimento oral).

A produção cultural, de festas e eventos carnavalescos, incluindo aí um bloco de Carnaval, o *Algazarra*, também é um dos principais eixos de sustentação da *Revista Gambiarra*, gerando recursos mais do que o jornalismo em si, cujo maior investimento vem de esparsos anúncios publicitários locais:

Em 2018, a gente conseguiu pagar os custos de hospedagem, os custos do site (*com produção cultural*). A gente conseguiu pagar coisas que

não conseguia pela própria *Gambiarra* – desde 2014 ou 2015, que a gente não conseguia levantar essa grana. A gente repetiu em 2019, então meio que *a Gambiarra ela se sustenta com esses eventos pontuais que a gente faz durante o ano pelo bloco*. A gente acabou criando uma marca extra com o sucesso da iniciativa passada. Isso já era um modelo que a gente já fazia desde a faculdade. Teve uma época em que a gente pagava aluguel com festas. A gente ficou dois anos – 2017 e 2018 – com o escritório, que era da *Gambiarra*. A gente alugava o espaço, era um espaço de *co-working* com mais duas empresas. No final do ano, a gente decidiu voltar para o *home office*, porque os custos já estavam pesados. Os equipamentos usados são os equipamentos pessoais. Ainda em 2018, a gente criou um bloco de carnaval, o *Algazarra* (Rafael Flores, *Revista Gambiarra*, 25 de janeiro de 2019, grifos nossos, depoimento oral).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da pesquisa indicam que, para os jornalistas culturais que desempenham seu trabalho nesse tipo de iniciativa, urge adaptar-se, *reinventar-se* profissionalmente, *rearranjar-se*. E aqui, o termo *arranjo*, trazido pelas autoras Figaro e Nonato, mostra-se mais uma vez assertivo e acertado. Ele é dito, de modo voluntário, espontâneo, no depoimento de Pedro Jatobá, do *Portal ITEia*, que considera o projeto do portal em si mesmo como um arranjo produtivo local (APL). E também é remetido na fala de Paulo Floro, da *Revista O Grito!*, quando se refere ao termo *gambiarra* ao descrever as atividades desenvolvidas como um todo pelos profissionais da revista para darem conta de desempenhar as mais diferentes funções em seus trabalhos. Além disso, o próprio nome da *Revista Gambiarra* é recuperado como esse conceito de reorganizar-se, de uma forma diferente, na entrevista de Rafael Flores.

Para os entrevistados, assim, a *precariedade* das condições de produção existe, mas vale a pena por trazer à tona para a vida, segundo um deles, “o componente felicidade”. Assim, trata-se de um capital simbólico adquirido pelo jornalista e que muitas vezes não corrobora com uma aquisição de capital financeiro. Seriam, assim, tais jornalistas, trabalhadores que muitas vezes se “precarizam” “por amor” à profissão, em busca de satisfação profissional, sendo necessário, como vimos, submeter-se ou adaptar-se a novas posições ou funções trabalhistas a fim de sustentar-se financeiramente. Sobre esse aspecto do “componente felicidade”, avançaremos em novo artigo, ainda em construção.

De fato, observamos, nos casos estudados, que não é possível sobreviver exclusivamente do arranjo: todos

mantêm outros trabalhos como principal fonte de renda. Dentre as novas funções desempenhadas estão, em especial nestes arranjos estudados, o papel de produtor cultural – escrevendo, gestando e gerindo projetos, produzindo livros, lançamentos, eventos e festivais – e o de gestor da comunicação, uma vez que se faz preciso *aprender a empreender*, a liderar equipes, a gerir com autonomia o seu próprio tempo de trabalho, a lidar com as finanças e com a contabilidade, a planejar em curto, médio e longo prazo a viabilidade para que aquele arranjo permaneça existindo.

Os discursos dos informantes revelam tensões quanto ao termo *empreendedorismo* pela relação direta a um conceito ligado ao *establishment*, ou seja, à manutenção das estruturas de poder. No entanto, embora o termo seja rejeitado pela maioria – apenas uma das entrevistadas o utiliza de forma mais habitual –, ele é utilizado mais comumente não como um sinônimo de ser um negócio ou empresa, mas como diversas formas de produzir, de fazer projetos e produtos que viabilizem a sustentação e a sobrevivência dos arranjos em si. Assim, a categoria *empreendedor/produtor* aparece como pertinente para demonstrar essa interface entre os diferentes papéis exigidos pelo trabalhador do arranjo jornalístico cultural.

O profissional jornalista precisa acompanhar as transformações no mundo do trabalho, num equilíbrio entre desenvolver novas habilidades e exercer novas funções, adaptando-se às exigências e possibilidades do trabalho atual, ao mesmo tempo em que sabe que também precisa se articular em defesa de seus direitos. Mesmo não-sindicalizado – caso de cinco entre seis de nossos entrevistados – o jornalista se organiza em redes, *co-working*, parcerias (como intercâmbios, premiações e projetos coletivos), novas formas de trabalho colaborativo e, até mesmo, em cooperativas, que é a experiência do *Portal ITEia* a partir de plataforma digital própria⁴.

Assim, esse ambiente de *cooperação* entre os pares pode apresentar menos concorrência, uma exigência do capital e mais um *senso de comunidade*. E aqui, podemos recuperar o sentido de comunidade em que técnicas, tecnologias e habilidades dos diferentes participantes dos arranjos possam ser realocadas para que todos possam melhor trabalhar e viver, fortalecendo os arranjos como um todo e gerando uma cadeia produtiva.

Também foram apontadas as parcerias com as universidades como estímulo tanto para o surgimento dos arranjos (a partir de grêmios estudantis, diretórios, disciplinas, projetos de extensão e de iniciação científica, laboratórios de redação e de criação, intercâmbios), quanto para o aprofundamento na compreensão do fenômeno, a partir das pesquisas, ações que tanto auxiliam na sustentação dos grupos quanto retroali-

mentam a criação de novos, proporcionando ser a universidade o espaço propício para a experimentação de *modos de fazer* para estudantes e novos jornalistas.

Com isso, os grupos não dependem da universidade para existir e produzir, mas, a partir do acesso a esse espaço de produção de saberes, pode permutar conhecimentos e também se fortalecer. A universidade e os cursos de jornalismo também podem aprender muito com essas experiências que vêm sendo feitas *nas ruas e nas redes*, vide disciplinas, projetos experimentais, laboratórios e estágios realizados em conjunto entre os arranjos e as universidades citadas nos depoimentos dos entrevistados, a saber: Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Jorge Amado (Unijorge), União Metropolitana de Educação e Cultura (Unime), Universidade Estadual da Bahia, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB).

Além disso, em todos os casos, o acesso à universidade parece ter sido crucial para que esses trabalhadores se identificassem como jornalistas e que definissem a produção que fazem nos meios digitais como jornalismo. Para isso, políticas públicas de ascensão para o Ensino Superior, como o ProUni, demonstraram ser pontos de virada na história de vida de pelo menos um dos entrevistados dos arranjos, Carlos Gomes que, sem esse acesso, não teria cursado o nível universitário, segundo seu depoimento.

Ainda em relação às universidades, o discurso dos entrevistados evidenciou que, na maioria das vezes, o conhecimento técnico e as habilidades apreendidas para ser um jornalista inovador/empreendedor não foi contemplado pela grade curricular dos cursos de Jornalismo – sejam nas universidades públicas ou privadas – o que pode evidenciar a importância de se revisitar os currículos dos cursos, uma vez que a formação universitária visa formar para a vida e para o mundo do trabalho.

Assim, a relação entre as universidades e os arranjos jornalísticos revela *tensões* (*precariedade* na formação dos jornalistas; *precariedade* nas relações de trabalho com os estagiários), mas também acesso para formação, através de políticas públicas, além de possibilidades de experimentação e de retroalimentação dos conhecimentos. O tema já está sendo desdobrado em novo trabalho da mesma autoria, a partir de uma revisão bibliográfica mais acurada em relação à influência da graduação em Jornalismo na construção da identidade profissional dos comunicadores culturais.

Submissão: 12/06/2023

Data de aceite: 08/05/2024

NOTAS

^{1.} Como já aponta Barros (2019), o blogueiro de notícias, nos municípios do interior dos estados, cumpre papel de veicular notícias locais e regionais. Muitas vezes, entretanto, tais blogs tidos como independentes estão ligados a políticos locais numa, talvez, nova conexão de *coronelismo eletrônico*.

^{2.} *Jornal do Commercio*, *Diário de Pernambuco* e *Folha de Pernambuco* são os três principais jornais tradicionais de Pernambuco, em termos de tempo de existência, circulação e organização em sistemas de mídia.

^{3.} Jornalista e doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Fabiana Moraes atualmente é professora de cursos de Comunicação Social na UFPE, no *campus* Caruaru. Sua trajetória anterior no jornalismo impresso tradicional é de longa data, na qual assinou reportagens especiais e em profundidade nos cadernos do *Jornal do Commercio*, por mais de uma década. Estudo sobre suas reportagens de autoria pode ser acessado em: DINIZ, A. T. M. O que é um autor na reportagem: diálogos entre ética, singularização e pontos de vista no discurso jornalístico. 2018. 155f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) — Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Recife, 2018.

^{4.} No Brasil, estudos sobre cooperativismo de plataformas digitais vêm sendo desenvolvidos pelo Prof. Dr. Rafael Grohman, da University of Toronto.

REFERÊNCIAS

- Agência Pública. (2016). Mapa do Jornalismo Independente. Retrieved January 30, 2016, from <http://apublica.org/mapa-do-jornalismo/>
- Almeida, A. C. (2006). Centro de Mídia Independente: A mídia como ação direta (Master's thesis, Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Recife).
- Alonso, A. D. (2011). Novos jornalistas no Brasil: Casos de processos emergentes de jornalistas na Internet (Master's thesis, Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Paulo).
- Barros, J. V. (2019). Conglomerados midiáticos regionais: Os meios de comunicação como meios de produção na territorialização do capital (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Paulo).
- Bourdieu, P. (2005). The Political Field, the Social Science Field, and the Journalistic Field. In R. Benson & E. Neveu (Eds.), *Bourdieu and The Journalistic Field*. Cambridge: Polity Press.
- Fígaro, R., & Nonato, C. (Eds.). (2021). *Arranjos Jornalísticos Alternativos e Independentes no Brasil: Organização, sustentação e rotinas produtivas*. São Paulo: Centro de Pesquisa Comunicação e Trabalho/USP.
- Fígaro, R. (2018). As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às grandes corporações de mídia. São Paulo: CPCT.
- Fígaro, R., Lima, C., & Grohmann, R. (2013). *As mudanças no mundo do trabalho do jornalista*. São Paulo: Atlas.
- Fígaro, R., Lima, C., & Grohmann, R. (2017). Novos "Arranjos Econômicos" Alternativos para a Produção Jornalística. *Contemporânea*, 15(1).
- Flores, R. (2019). Rafael Flores: Depoimento oral [January 2019]. Interviewer: Mariana Reis. Vitória da Conquista.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Gomes, C. (2019). Carlos Gomes: Depoimento oral [April 2019]. Interviewer: Mariana Reis. Recife.
- Jatobá, P. (2019). Pedro Jatobá: Depoimento oral [January 2019]. Interviewer: Mariana Reis. Salvador.
- Lima, C. C. N. (2015). *Jornalistas, blogueiros, migrantes da comunicação: Em busca de novos arranjos econômicos para o trabalho jornalístico com maior autonomia e liberdade de expressão* (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Paulo).
- Menezes, J. (2019). Jamile Menezes: Depoimento oral [April 2019]. Interviewer: Mariana Reis. Salvador.
- Mick, J., & Lima, S. (2013). *Perfil do Jornalista Brasileiro: Características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012*. Florianópolis: Insular.
- Mínayo, M. C. S. (1996). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: ABRASCO.
- Santana, A. (2019). André Santana: Depoimento oral [January 2019]. Interviewer: Mariana Reis. Salvador.
- Yin, R. K. (1994). *Pesquisa Estudo de Caso — desenho e métodos*. Porto Alegre: Bookman.



“Ganhar a vida” a partir do jornalismo e da cultura: os arranjos jornalísticos culturais do Nordeste do Brasil

“Ganarse” la vida a partir del periodismo y la cultura: formas de organización y condiciones de producción en arreglos periodísticos culturales del Nordeste de Brasil

“Making a living” from Journalism and Culture: Forms of Organization and Production Conditions in Cultural Journalism Arrangements in Northeastern Brazil

« Vivre » du journalisme et de la culture : modes d’organisation et conditions de production au sein d’ensembles journalistiques culturels du Nord-Est du Brésil

Pt. Neste artigo, são relatadas formas de organização e condições de produção de coletivos de jornalismo cultural no Nordeste do Brasil, mais especificamente, dos Estados de Pernambuco e da Bahia, aqui denominados arranjos jornalísticos. Como aporte teórico, recorreu-se a Figaro (2013; 2017; 2018; 2021), a partir do binômio comunicação e trabalho e Bourdieu (2005) para compreensão do campo jornalístico. A pesquisa da qual este artigo deriva foi desenvolvida como tese de doutorado pela primeira autora sob orientação doutoral da segunda autora. Nela foram estudadas as revistas culturais eletrônicas Gambiarra (Estado da Bahia), Outros Críticos (Estado de Pernambuco) e O Grito! (Estado de Pernambuco) e os portais de notícias culturais SoteroPreta (Estado da Bahia), Correio Nagô (Estado da Bahia) e iTeia (Pernambuco e da Bahia). Na investigação, tais coletivos de jornalistas foram avaliados em relação ao acesso a políticas públicas como fomento, ao empreendedorismo e outras formas de sustentabilidade. A partir da análise desses seis agrupamentos, descobriu-se que é tênue a linha que separa o jornalista do produtor cultural e que compete dominar também a gestão em comunicação. Ao mesmo tempo, são revelados os limites e as possibilidades técnicas e éticas de se gestar e dar materialidade a um jornalismo no qual acreditam, a partir de seus princípios, crenças e valores. Os discursos dos informantes apresentam tensões quanto ao termo empreendedorismo pela relação direta a um conceito ligado ao *stablishment*, ou seja, à manutenção das estruturas de poder. Observou-se, ainda, que o profissional jornalista precisa acompanhar as transformações no mundo do trabalho, num equilíbrio entre desenvolver novas habilidades e exercer novas funções, adaptando-se às exigências e possibilidades do trabalho atual. Outro resultado da pesquisa é que o trabalho, para esses arranjos jornalísticos culturais analisados, muitas vezes se revela num capital simbólico adquirido que nem sempre corrobora com uma aquisição de capital financeiro.

Palavras chaves : jornalismo cultural; arranjos jornalísticos; mundo do trabalho; Nordeste do Brasil; produção cultural

Es En este artículo se relatan formas de organización y condiciones de producción de colectivos de periodismo cultural en el Nordeste de Brasil, más concretamente en los estados de Pernambuco y Bahía, aquí denominados arreglos periodísticos. Como aporte teórico, se utilizó a Figaro (2013; 2017; 2018; 2021), a partir del binomio comunicación y trabajo, y a Bourdieu (2005) para comprender el campo periodístico. La investigación de la cual deriva este artículo fue desarrollada como tesis doctoral por la primera autora bajo la dirección de la segunda autora. En ella se estudiaron las revistas culturales electrónicas Gambiarra (estado de Bahía), Outros Críticos (estado de Pernambuco) y O Grito! (estado de Pernambuco), y los portales de noticias culturales SoteroPreta (estado de Bahía), Correio Nagô (estado de Bahía) e iTeia (Pernambuco y Bahía). En la investigación, estos colectivos de periodistas fueron evaluados en relación al acceso a políticas públicas como fomento al espíritu emprendedor y otras formas de sostenibilidad. El análisis de estos seis agrupamientos reveló que la línea que separa al periodista del productor cultural es tenue y que también le corresponde dominar la gestión en comunicación. Al mismo tiempo, se evidencian los límites y las posibilidades técnicas y éticas de gestar y dar materialidad a un periodismo en el cual creen, a partir de sus principios, creencias y valores. Los discursos de los informantes presentan tensiones respecto al término “espíritu emprendedor” por la relación directa con un concepto vinculado al establishment, es decir, al mantenimiento de las estructuras de poder. Se observó, además, que el profesional periodista debe mantenerse al día con los cambios en el mundo del trabajo, en un equilibrio entre el desarrollo de nuevas habilidades y el desempeño de nuevas funciones, adaptándose a las exigencias y posibilidades del trabajo actual. Otro resultado de la investigación es que para estos arreglos periodísticos culturales analizados el trabajo muchas veces se revela como un capital simbólico adquirido que no siempre se traduce en una adquisición de capital económico.

Palabras clave: periodismo cultural; arreglos periodísticos; mundo del trabajo; Nordeste de Brasil; producción cultural.

En This article reports on the forms of organization and production conditions of cultural journalism collectives in the Northeast of Brazil, particularly the states of Pernambuco and Bahia, which we refer to as journalistic arrangements. Figaro (2013; 2017; 2018; 2021) was used as a theoretical contribution based on the communication and work binomial and Bourdieu (2005) was used to understand the journalistic field. The research which this article is based on was developed as a doctoral thesis by Mariana Reis under the doctoral supervision of Isaltina Gomes. The online cultural magazines Gambiarra (State of Bahia), Outros Críticos (State of Pernambuco), O Grito! (State of Pernambuco) and the cultural news portals SoteroPreta (State of Bahia), Correio Nagô (State of Bahia) and iTeia (Pernambuco and Bahia) were studied. The research involved evaluating collectives of journalists in relation to access to public policies such as development, entrepreneurship, and other forms of sustainability. After analyzing these six groups, we discovered that the line separating journalists from cultural producers is tenuous, and that communication management is a skill that needs to be learned thoroughly. We also discovered the limits and technical and ethical possibilities of creating and giving materiality to journalism that these journalists believe in based on their principles, beliefs and values. The journalists spoke of tensions regarding the term entrepreneurship and its direct relationship to the concept of establishment, that is, to the maintenance of power structures. We also observed that professional journalists have to keep up with changes to the world of work, and strike a balance between developing new skills and performing new functions, thus adapting to the demands and possibilities of present day work. Another aspect we discovered through our research is that, for these cultural journalistic arrangements, work is often an acquired symbolic capital that does not always translate into the acquisition of financial capital.

Key Words: cultural journalism; journalistic arrangements; world of work; Northeast of Brazil; cultural production

Fr Cet article présente les formes d'organisation et les conditions de production de collectifs de journalisme culturel, désignés ici sous le terme d'ensembles journalistiques, dans la région Nordeste du Brésil, et plus précisément dans les États de Pernambuco et de Bahia. Sur le plan théorique, nous nous sommes appuyées sur Figaro (2013 ; 2017 ; 2018 ; 2021), en partant du binôme communication et travail, ainsi que sur Bourdieu (2005), pour appréhender le champ journalistique. La recherche dont cet article est issu a été menée dans le cadre de la thèse de doctorat de la première auteure, sous la direction doctorale de la seconde. L'étude a porté sur les magazines culturels électroniques Gambiarra (État de Bahia), Outros Críticos (État de Pernambuco) et O Grito! (Pernambuco), ainsi que sur les portails d'informations culturelles SoteroPreta (Bahia), Correio Nagô (Bahia) et iTeia (Pernambuco et Bahia). Ces collectifs de journalistes ont été évalués à l'aune de leur accès aux politiques publiques de soutien, de leur stratégie entrepreneuriale et d'autres formes de pérennité. L'analyse de ces six groupes montre que la frontière est tenue entre journaliste et producteur culturel, et que des compétences en gestion de la communication sont aussi nécessaires. Elle révèle par ailleurs les limites et les possibilités techniques et éthiques liées à la conception et à la mise en pratique d'un journalisme auquel ils croient, en accord avec leurs principes, leurs croyances et leurs valeurs. Les discours de nos interlocuteurs font apparaître des tensions autour du terme d'entrepreneuriat, du fait de son lien conceptuel direct avec l'establishment et donc avec le maintien des structures de pouvoir. En outre, le professionnel journaliste doit accompagner les évolutions du monde du travail, en conciliant le développement de nouvelles compétences et l'exercice de nouvelles fonctions, pour s'adapter aux exigences et aux opportunités actuelles du métier. Un autre résultat de notre recherche est que le travail, pour les ensembles journalistiques culturels analysés, se manifeste souvent par l'acquisition d'un capital symbolique qui ne va pas toujours de pair avec celle d'un capital financier.

Mots-clés : journalisme culturel ; ensembles journalistiques ; monde du travail ; Nordeste brésilien ; production culturelle

